

**“A China de Simone de Beauvoir”:
contra as superstições¹**

“Simone de Beauvoir's China”:
Against Superstitions

Fernanda Lemos²

Resumo

Escritora mundialmente conhecida pela publicação de ‘O Segundo Sexo’, Simone de Beauvoir tornou-se, na primeira metade do século passado, uma das referências na reflexão teórica feminista. Entretanto, os escritos de Beauvoir ultrapassam esta obra, dedicou-se a produção teórica, literária, artística de temas ligados ao existencialismo, além de dedicar-se a sua biografia e a de Sartre. Isto posto, nosso objetivo principal será apresentar ao público sua obra ‘A Longa Marcha’, bem como as discussões acerca das experiências vividas pela autora na década de 1950, na visita à China. Não será prioridade nesse ensaio discutir a veracidade das informações apresentadas pela autora sobre o país que visitara, ao contrário, nossa preocupação é literária e pretende compreender, a partir ‘de seus olhos’, a constituição e o desenvolvimento religioso da China, assim como a luta governamental contra as superstições. Segundo a autora, tal luta poderia coadunar-se com o processo de modernização pela qual passara a China naquele momento histórico.

Palavras Chave: Simone de Beauvoir; China; Religiosidade; “A Longa Marcha”.

Abstract

Simone de Beauvoir, a world-renowned writer for the publication of *The Second Sex*, became in the first half of the last century one of the references in feminist theoretical reflection. However, Beauvoir's writings surpass this work, he

¹ A primeira parte do título deste ensaio foi extraído de uma reportagem publicada no jornal ‘O Estado de S. Paulo’, no ano de 1967, por Arnaldo Pedroso D’Horta, dez anos após seu lançamento original na França. A ‘impiedosa’ crítica a ‘A Longa Marcha’ de Simone de Beauvoir, fora publicada em 4 semanas subsequentes, em edição nacional de domingo. Este ensaio foi apresentado no ‘I Colóquio de Estudos Chineses’ realizado pelo PPGCR da Universidade Federal da Paraíba.

² Professora adjunto do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba e membro de seu Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Email: somel_ad@yahoo.com.br.

devoted himself to the theoretical, literary, and artistic production of themes linked to existentialism, as well as to his biography and Sartre's. That said, our main objective will be to present to the public his work *The Long March*, as well as the discussions about the experiences the author lived in the 1950s during his visit to China. It will not be a priority in this essay to discuss the veracity of the information presented by the author on the country she has visited, on the contrary, our concern is literary and intends to understand, from her eyes, the constitution and religious development of China, Government struggle against superstition. According to the author, such a struggle could be added to the process of modernization through which China had passed in that historic moment.

Keywords: Simone de Beauvoir; China; Religiosity; *The Long March*.

Introdução

Tanto eu quanto Simone de Beauvoir temos um elemento em comum na análise sobre a China: a condição de *outsider*. Eu, por não ter muita familiaridade com as pesquisas sobre a China e Beauvoir por não ter se preocupado nos seus escritos, *a priori*, com esta realidade sociocultural. Neste sentido, ao debruçar-me sobre a temática, tive sensações bem parecidas com as que Beauvoir descreve em seu livro *A Força das Coisas* (1963), quando relata seu empenho ao escrever sobre a China: “Ela exigiu de mim um esforço considerável. [...] Raras vezes produzi trabalho tão perseverante como aquele ano” (BEAUVOIR, 2009, p. 380).

Neste sentido, este ensaio não pretende discutir o mérito das pesquisas especializadas sobre a religião e/ou a religiosidade na China, haja vista que já há um corpo de especialistas que o fazem muito bem. Nosso objetivo principal será apresentar algumas percepções que Simone de Beauvoir teve sobre a China da década de 1950, principalmente pelo conteúdo apresentado em seu livro *A Longa Marcha*. Fato é que não tentaremos averiguar o exímio detalhamento das informações contidas no livro, se condizem com a realidade histórica e/ou se há consenso entre os estudiosos de China. Nosso interesse é literário, no que se refere à forma como a autora experimenta e descreve a China, daí o título: *A China*

de Simone de Beauvoir, pois a China que ora apresentamos será intermediada “pelos olhos de nossa autora”³.

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir⁴ fora educada em um colégio católico, sob a severa orientação de freiras, o Curso Désir, destinado a ensinar meninas, dentre outras coisas, para a boa educação feminina e para o cuidado doméstico. Entretanto, sua dedicação quase que compulsiva à leitura conduziu-a ao meio intelectual. Desde muito cedo Beauvoir relata que sabia de sua vocação para os estudos e não para o casamento. Fato que se comprova ao graduar-se brilhantemente em filosofia e ao obter licença para lecionar tal disciplina em Paris. Nascida em uma família burguesa – com toda sua ética aristocrática, mesmo que em processo de decadência – filha de mãe católica e pai advogado e ator, Beauvoir rompe com a religião e declara-se atea aos quinze anos de idade (LEMOS, 2015, pp. 75 – 76).⁵

Autora de mais de vinte e dois livros (ensaios, peças, romances, biografias e autobiografias) pouco se preocupou com uma obra que analisasse, exclusivamente, a religião. Nascida no início do século XX, presenciou as duas guerras mundiais, viveu e morreu na França, foi perseguida junto com Sartre por suas posturas políticas e intelectuais. Demonstrava uma considerável simpatia com os países subdesenvolvidos e ‘explorados’. Partidária do movimento comunista, interessou-se por visitar Cuba no momento da Revolução (fora recebida por Fidel Castro e Che-Guevara em 1960), a União Soviética e a China.

³ Não são poucas as especulações entorno da visita de Beauvoir e Sartre a China. Especula-se até mesmo que teriam visitado o país com o financiamento do governo comunista Chinês. Tal fato não é admitido em sua biografia, ao contrário, é refutado.

⁴ “Uma das grandes dificuldades ao falar da vida e obra de nossa autora, Simone de Beauvoir, é justamente o receio de resumir demasiadamente sua importância intelectual em detrimento de nosso pouco tempo ensaístico. Tal temor justifica-se pela vasta produção autoral que Beauvoir possui, fonte significativa de elementos de sua vida e de Sartre. Além disso, a complexidade de seu pensamento, seus ensaios filosóficos e suas inquietudes existenciais ultrapassam a esfera da sua própria individualidade, suscitam problemas estruturais das sociedades. Em sua obra autobiográfica ‘Memórias de uma moça bem-comportada’, publicada originalmente em 1958, Beauvoir descreve com uma riqueza de detalhes sua vida: desde sua infância numa família francesa burguesa (quase decadente), suas crises e dúvidas na adolescência até seu envolvimento com os estudos filosóficos e seu relacionamento com Sartre” (LEMOS, 2015, pp. 75 – 76).

⁵ Ver sua autobiografia: *Memórias de uma moça bem-comportada* (2009a).

Posicionava-se contrária às intervenções da França contra a Argélia e a Indochina.

Dado o comprometimento político-intelectual de Beauvoir e Sartre, foram convidados para visitar a China em 1955. Beauvoir confessa que nunca escondera seu desejo em conhecer este país, entretanto, afirma que a viagem à China não poderia ser comparada a nenhuma outra que fizera, e confessa: “não foi nem um passeio, nem uma aventura, nem uma experiência, mas um estudo, realizado no local, sem fantasia” (BEAUVOIR, 2009).



‘Simone de Beauvoir e Sartre em visita à China, em 1955’.⁶

Tanto o país, quanto a língua e as pessoas lhe eram totalmente estranhos. Observa que por mais que os chineses se esforçassem para entender suas obras e as de Sartre, voltavam a falar de gastronomia, em virtude de um simples fato: “nem o nome de Sartre nem o meu tinham qualquer significado para eles... eu estava ali, diante de um mundo que me esforçava por compreender, e onde não conseguia penetrar” (BEAUVOIR, 2009, pp. 366 - 367).

Exceto pelas falhas que a obra possa apresentar, no que se refere aos elementos conjunturais da China de 1955, consideremos que não é tarefa das mais fáceis observar um fenômeno em movimento, a revolução acabara de acontecer!

⁶ Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&source=images&cd=&ved=0ahUKEwi10PqmzJTLAhUEh5AKHVELCB8QjB0IBg&url=https%3A%2F%2Fwww.pinterest.com%2Fpin%2F446700856764875270%2F&psig=AFQjCNF6a5KagHH7nzs6d_uvudla49MSDQ&ust=1456547421081164&rct=j> . Acessado em 26/02/2016.

Beauvoir observa a história acontecendo bem como as transformações radicalmente estruturais de um país, logo, sua obra ultrapassa uma simples reportagem, ao contrário, constitui uma obra de mais de quatrocentas páginas de história, análises conjunturais e sua inserção em um campo de estudos muito estranho ao seu. E apesar de seu vislumbre pelo comunismo – o que não deve ser desconsiderado na leitura – e sua tímida produção sobre a religiosidade, é importante ressaltar a valiosa contribuição dada por Beauvoir ao existencialismo, ao feminismo e à literatura.

1. “A Longa Marcha”

Simone de Beauvoir publicou em 1957, na França, o ensaio *La Longue Marche*, dois anos após sua estada em Pequim. O título da obra faz alusão à Longa Marcha chinesa, quando em 1934 uma grande quantidade de chineses, fugindo do exército nacionalista, marcham atravessando montanhas e rios. A Longa Marcha durou 1 ano e a grande maioria dos indivíduos morreu no caminho (fome, confrontos e outros) os que sobreviveram formaram a base dos revolucionários comunistas. Segundo Trevisan (2014, p. 221) “uma das mais emblemáticas passagens da história do século XX no país: a Longa Marcha, que se transformou em um evento épico para os futuros vitoriosos da Revolução de 1949”.

Este ensaio, além de exigir um esforço intelectual supremo da autora, repercutiu mundialmente. Nos países em que fora traduzido, principalmente nos Estados Unidos, tornou-se alvo de crítica por parte dos anticomunistas. No Brasil foi traduzido pela Instituição Brasileira de Difusão Cultural, em 1963, com o título *A Longa Marcha*, onde também recebera críticas, entre elas consideremos uma extraída do Jornal *O Estado de S. Paulo*, dez anos após a sua publicação original na França:

<p>Arnaldo Pedroso d’Horta <i>Especial para “O Estado”</i></p> <p>É curioso ler-se, enquanto se assiste à balburdia da revolução cultural chinesa, em 1967, este livro de Simone de Beauvoir a respeito do regime instaurado por Mao Tse-tung, escrito em 1955, quando ela visitou a China na companhia de Sartre. O livro intitula-se A longa marcha, tendo sido traduzido para o português pelo sr. Alcantara Silveira, para a Instituição Brasileira de Difusão Cultural (S. Paulo, 1963). Simone de Beauvoir pouco entende de política, mas seu marido</p>	<p>pensa que entende muito, e ela é virulentamente solidária com ele, em tôdas as atitudes que ele entende tomar nesse terreno. Se não lhe é fiel no domínio sentimental, conforme faz questão de ostentar em seus romances autobiográficos, compensa a violação desse preconceito qualificado de burguês, por um fervor ideológico que nenhuma tentação de lógica ou objetividade é capaz de comprometer.</p> <p>Quando, porém, desgrudada da mão do seu orientador espiritual, ela se põe a examinar as coisas por conta própria, e entra a lidar sozinha conclusões, é como vedora a ingenuidade que transparece de suas palavras. Está sempre pronta a aceitar tudo o</p>
---	---

Fonte: Acervo do jornal ‘O Estado de S. Paulo’,
24 de setembro de 1967

As críticas sobre a sua obra foram utilizadas, não como uma leitura da China pelos olhos de uma existencialista, mas como argumento conjuntural dos anticomunistas para expor e impregnar sua insatisfação com o movimento aqui no Brasil. No exemplo acima, Arnaldo Pedroso D’Horta desqualifica a obra de Beauvoir, a partir de subterfúgios irônicos a respeito de sua condição feminina, “à sombra” de Sartre.

Partindo de uma “hermenêutica da suspeita”, o momento político do Brasil favorecia o discurso anticomunista. Vale considerar que neste ano (1967), antes da série de reportagens sobre a *A Longa Marcha*, a lei de imprensa fora sancionada, o que previa a presença de agentes federais nas rádios, na televisões, nos jornais e nas revistas; e promulgada a Lei de Segurança Nacional, já instituída em 1964. Além do mais, o Jornal referido era declaradamente “de direita”, apesar de 7 anos antes ter acompanhado a visita de Beauvoir e Sartre ao Brasil, logo após a visita do casal à Cuba. Uma outra suspeita que deve ser considerada, atrela-se ao fato de que tal série de reportagens, cuja autoria é de Arnaldo Pedroso D’Horta, possa ter servido para divulgar/escrever sobre as grandes transformações pelas quais a China (comunista) passara naquele exato momento (a publicação, por meio da crítica à Beauvoir, não sofrera intervenção militar).

Quanto ao conteúdo de *A Longa Marcha*, Beauvoir apresenta uma análise sociocultural da China. Afirma que sua maior preocupação é com a transição da revolução democrática para a socialista, “adaptada à situação singular do país” (BEAUVOIR, 1963, p. 17). A preocupação de Beauvoir está centrada mais nos elementos transitórios do que propriamente na exaltação de sua tradição milenar. Ocupou-se, naquele momento com o vislumbre do presente em projeção ao futuro chinês. Segundo ela, “na China nada é contingente;”... é inútil pretender descrever este país: ele pede para ser explicado’ (BEAUVOIR, 1963, p. 20).

Seus relatos sobre a China expressam a surpresa com o empobrecimento da população chinesa, que estava atrás somente da Indonésia, entretanto, admira-se como todos são alimentados (pela expressiva quantidade de chineses). Outro elemento observado pela autora é a relação entre comunismo e capitalismo, segundo ela “não se repudiou, em nome do ideal socialista, nem o capitalismo nem a propriedade privada; foram eles integrados na nova economia na medida em que poderiam ser-lhe úteis” (BEAUVOIR, 1963, p. 400).

Previendo os possíveis ataques anticomunistas que viriam quando da publicação de *A Longa Marcha*, além das críticas que poderiam surgir no confronto pessoal de uma intelectual que observa um país em transformação, Beauvoir estabelece um provável diálogo com os anticomunistas e suas previsíveis contestações. Segundo ela, independentemente de qualquer sistema de modernização chinesa, o país teria que “partir do zero”, a questão não era o comunismo, mas a longa história de luta chinesa.

Sobre a dominação dos trabalhadores e a força que empenhavam para reconstruir o país, talvez fosse menos penosa do que a colonização ocidental, para ela o comunismo seria a única saída viável naquele momento e que conduziria a China à uma significativa potência mundial: “ora, só o comunismo é capaz de propor e de impor o ‘*planning*’; ele aparece, pois, para os povos da Ásia, como a única salvação possível”. Segundo ela, Mao Tse-Tung consegue a ousada artimanha de construir um comunismo chinês ‘adaptado às necessidades concretas da nação’ (BEAUVOIR, 1963. p. 410).

2. Cultura Chinesa

É fato que a religião não é o objeto central nas obras de Simone de Beauvoir – ao contrário, por vezes torna-se até periférico – porém, buscaremos elementos discursivos em sua obra que nos informem sobre os aspectos culturais e religiosos da China. Neste sentido, parto do pressuposto de que a religião é apenas um dentre tantos outros sistemas culturais (GEERTZ, 2011), porém com uma dialética importante à compreensão da sociedade.

Partindo de sua realidade europeia, Beauvoir analisa as cerimônias e ritos cristãos e sua contribuição na organização da sociedade. Segundo ela, as igrejas e paróquias locais e centrais na França, constituem-se como espaço de socialização, mesmo que sua forma de organização seja hierarquizada e universal, o que nunca existira na China. Beauvoir observa que “[...] só o imperador tinha o direito de fazer sacrifícios ao Senhor do Alto, cujo templo se erguia fora da cidade; para o povo, excluído do culto oficial, o centro religioso do país não passava, êle também, de uma ausência, uma proibição” (BEAUVOIR, 1963, p. 23). Neste ambiente, a religiosidade popular ‘define seus rumos’, e a criatividade dos sujeitos orienta a espiritualidade. A partir deste balanço, Beauvoir conclui que na China de Mao, “*a ordem é lutar contra as superstições*”. Esta determinação

Está inscrita oficialmente no programa governamental. Entretanto, um artigo da constituição declara que ‘tôdas as religiões são toleradas’. Sendo a religião dos chineses essencialmente supersticiosa⁷, o problema com que se defrontam os dirigentes era complexo. Para compreender exatamente seus dados, para apreciar a solução que lhes foi dada, é necessário examinar o conteúdo da religião chinesa (BEAUVOIR, 1963).

⁷ Grifo nosso.

Um dos elementos que pode ter contribuído para a presença da ‘superstição’ na constituição da espiritualidade chinesa é a pluralidade étnica. Eliade (2011, p. 15) considera que “assim como o povo chinês descende de múltiplas combinações étnicas, sua cultura constitui uma síntese complexa e original em que se pode perceber a contribuição de várias fontes”. Este elemento, próprio da constituição chinesa, contribui para que Beauvoir considere que “a religião dos chineses [seja] essencialmente supersticiosa”.

A partir deste pressuposto, Beauvoir começa sua análise sobre os sistemas religiosos na China. No que se refere à religião “primitiva”, a autora considera que a China foi semelhante a qualquer outra forma de organização campesina, referindo-se ao animismo e aos deuses dos lares,

Feiticeiros serviram de intermediários entre o homem e a natureza submetida a gênios invisíveis, sua principal função era de predizer o futuro. O mais célebre dos livros confucianos, o *Yi-King*, era um manual de adivinhação. Utilizavam-se duas espécies de oráculo: a tartaruga e a aquilária [...] O conjunto dos ritos, dos tabus, das práticas mágicas e divinatórias que constituía a religião era completado por uma cosmologia. Submetidos ao ritmo das estações, às leis e aos caprichos do céu, os camponeses chineses concebiam o universo como regido pela ronda dos cinco elementos e sobretudo pela alternância de dois princípios opostos e complementares: o *ian*, correspondendo à parte ensolarada das montanhas, e o *iin*, ao seu declive sombreado; o movimento indefinidamente repetido desta roda mantém uma ordem imutável, o *tao*, no qual se resume a profunda unidade do mundo e que é eterno (BEAUVOIR, 1963, p. 185).⁸

Segundo Beauvoir ocorre pouco desenvolvimento da religião no século V a.C. se comparado à cultura, segundo ela os chineses começaram a buscar, como reação à impessoalidade dos cultos oficiais, “a esperança de uma salvação

⁸ No que se refere aos princípios divinatórios, Eliade (2011, p. 17) observa que é possível analisar as práticas religiosas da China antiga por meio das “inúmeras inscrições oraculares, gravadas em ossos de animais e em carapaças de tartaruga”. Segundo ele “Trata-se de um método divinatório bastante difundido na Ásia setentrional: fazia-se a pergunta, aqueciam-se os ossos ou as carapaças, e os adivinhos interpretavam as formas das trincaduras. Depois, gravavam-se ao lado dessas trincaduras a pergunta e a resposta (ELIADE, 2011, p. 17).

individual nas doutrinas heterodoxas: o taoísmo e o budismo” (BEAUVOIR, 1963, p. 185). Informa-nos ainda que,

Sobre os velhos fundamentos do pensamento chinês, os sacerdotes taoístas tinham elaborado uma sabedoria radicalmente oposta à de Confúcio: eles procuravam a salvação numa espécie de misticismo quietista [...] eles pediam à religião uma tomada sobre a natureza e um refúgio contra a morte; eles integraram certos temas taoístas ao antigo chamanismo (sic) [...] A mística taoísta degenerou em magia: procurou-se a pedra filosofal, elaboraram-se receitas para a imortalidade, dietéticas, alquímicas e respiratórias. O taoísmo apropriou-se das divindades locais e domésticas do velho animismo e hierarquizou-as, superpondo à administração humana funcionários divinos [...] influenciado pelo budismo, o taoísmo começou sob os *han*, aproximadamente em 175 – 179, a organizar-se em comunidades onde se celebravam cerimônias públicas. O clero dividiu-se em duas categorias: a dos *tao che*, que praticavam a vida monacal e a ascese à maneira dos *bonzos* budistas; e sacerdotes seculares que se casavam e que eram, de fato, feiticeiros: eles atravessavam chamas, caminhavam sobre o gume de saberes, transpassavam o rosto com agulhas, exorcisavam as casa assombradas, curavam os doentes, faziam chover (BEAUVOIR, 1963, p. 186).

Além do elemento “superstição”, Beauvoir descreve a concomitância do desenvolvimento do taoísmo e do budismo na China, discute os problemas da chegada e de tradução dos textos, bem como o processo de perseguição ao budismo a partir do século VIII. Segundo ela, “foi sob a forma *Mahaiana* que o budismo penetrou na China [...] segundo esta, é preciso atravessar quantidade de provas e avatares para obter salvação, isto é, fusão com o Nirvana, onde a individualidade se perde” (BEAUVOIR, 1963, p. 190).

A partir de uma síntese, selecionamos fragmentos discursivos de Beauvoir sobre algumas de suas considerações sobre a religiosidade na China,

Subordinando uma imensa população a um punhado de burocratas, alienando o mundo vivo aos ancestrais mortos, a ideologia confuciana pretendeu anular o indivíduo precisamente no momento em que êste, escapando à tradição, tomava consciência de si mesmo; [...] Se o taoísmo e o budismo puderam

fornecer ao povo uma evasão, foi porque, sob uma forma mais sutil, eles haviam anteriormente proposto uma à elite intelectual. O taoísmo retomou por sua conta os velhos fundamentos do pensamento chinês, mas para deles extrair conclusões opostas à de Confúcio. Longe de submeter o universo à sociedade, êle procurou a salvação do homem em sua justa relação com o cosmos. [...] O taoísmo exerceu sôbre a cultura chinesa uma grande influência, particularmente do domínio estético. Sua recusa do conformismo encorajava o artista para a originalidade; [...] a sabedoria budista praticamente não era quase nada afastada da filosofia taoísta. A seita *tch'an*, que influenciou particularmente os eruditos chineses, pregava a não-ação e mesmo o silêncio [...] O budismo era, pois, êle também, um quietismo, que deixava a via livre ao confucionismo.

Segundo ela, “o desenvolvimento cultural da China não enriqueceu sua religião”, uma vez que restou amálgamas supersticiosas como a crença nos espíritos (BEAUVOIR, 1963, p. 190). Logo, o combate às superstições compôs um dos objetivos à modernização da China.

Sobre o processo de revolução, que vislumbrava um futuro menos penoso aos chineses, a autora observa que “a reviravolta realizada pelo partido comunista é apoiada pelas mudanças econômicas e técnicas. Hoje, uma classe trabalhadora existe, a industrialização da China começou [...] a ruptura consumada não anuncia um ciclo, mas um progresso” (BEAUVOIR, 1963, p. 396). Segundo ela, a China de 1955 se voltara para o futuro, não de miséria e ameaça invasora, mas de luta comunitária em função de todo o povo chinês. Fazendo uma analogia entre religião e sociedade, Beauvoir explana:

O *tao* era imutável, mas toda a roda do *inn* e do *iang* não funcionava: era sempre a sombra e nunca o sol. A uma situação sem saída, os chineses reagiam por uma apatia desolada que enervava os intelectuais revolucionários, entre outros Lu Sin, e onde os ocidentais se divertiam em ver um traço do ‘caráter oriental’. As ideias refletiam esse triste quietismo. O confucionismo pregava a obediência e a resignação, taoísmo e budismo exortavam à não-ação. Que se pode fazer hoje quando não se conta com nenhum amanhã? [...] uma vida confinada num presente amargo, sem esperança num futuro, não merece ser chamada humana. A primeira vantagem do regime – seus piores detratores estão convencidos disto – é haver dado à sociedade

chinesa estabilidade e segurança, por elas êle restituiu à existência dos chineses uma dimensão que lhe faltava: eles possuem um futuro. (BEAUVOIR, 1963, p. 397).

Para Beauvoir a quietude dos chineses poderia estar condicionada à composição de sua religiosidade, o que para os ocidentais constituía um elemento significativo para a entrada e fixidade no país alheio, neste caso a China. Doutrinas que induzem à paciência, obediência e a não-ação, podem constituir-se como elementos fundamentais à legitimação religiosa, quando utilizadas pelos poderes instituídos (BERGER, 1985). A autora, longe de ser ingênua, declara:

*A China não é um paraíso*⁹; e-lhe preciso enriquecer e libertar-se, mas se se considera com imparcialidade de onde ela vem e para onde ela vai, verifica-se que ela encarna um momento particularmente comvente da história: aquêle em que um homem se liberta de sua imanência para conquistar o humano (BEAUVOIR, 1963, p. 410).

Sobre a existência de outras religiões no regime comunista, Beauvoir observa que assim como “o Budismo é respeitado em deferência ao Tibete, os muçulmanos têm o direito de praticar sua religião, porque é a de um grande número de minorias nacionais [...] contam-se no todo cerca de 10 milhões de maometanos” (BEAUVOIR, 1963, p. 302). Apesar de um período de perseguição e massacre, desde 1952 suas datas festivas são respeitadas, bem como a ida à Meca.

Conclusão

Quando visitou a China Beauvoir não tinha profundos conhecimentos sobre esta cultura, na verdade participou de um processo transitório em que a

⁹ Grifo nosso.

tradição milenar estava dialogando com a modernização. Propôs-se a escrever sobre uma realidade muito diferente da sua. Em alguns momentos a militante comunista (Beauvoir) parece desaparecer na escrita, quando seu texto dá margem à noção de que a utilização da mão de obra chinesa, quase que gratuita, é um 'mal necessário' à modernização chinesa. Em outros momentos, percebo que ela recobra sua condição de existencialista e percebe que o governo de Mao possui sérios problemas, como todo governo 'autoritarista', a diferença nesta relação de poder ('dominante' e 'dominados) é o 'consentimento' popular.

Muito bem informada, porém, pouco conhecedora das religiões, muito menos as orientais, iniciou uma busca ao sistema religioso da China. Se sua obra alcança tais objetivos na excelência das análises sobre taoísmo, budismo, confucionismo, deixo como um problema aos especialistas. O fato é que olhar a China com os olhos de Simone de Beauvoir, por meio de sua obra 'A Longa Marcha', pode não ser a forma mais fidedigna de conhecer esta cultura, sua história e sua religião, entretanto, não podemos negar conhecê-la, mesmo que as críticas sejam inevitáveis, mas o fato é que realiza seu objetivo: problematizar o tema!

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *A Longa Marcha*. Trad. Alcântara Silveira. São Paulo: IBRASA, 1963. 410 p.
- BEAUVOIR, Simone de. *A Força das Coisas*. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009a.
- BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. (Coleção Sociologia e Religião).
- D'HORTA, Arnaldo Pedroso. A China de Simone de Beauvoir. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 125, 24 set. 1963.
- D'HORTA, Arnaldo Pedroso. A China de Beauvoir (2): Pais e Filhos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 73, 01 out. 1963.

- D'HORTA, Arnaldo Pedroso. A China de Beauvoir (3): comunismo capitalista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 115, 08 out. 1963.
- D'HORTA, Arnaldo Pedroso. A China de Beauvoir (4): Ditadura a favor e contra o proletariado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 133, 15 out. 1963.
- ELIADE, MIRCEA. *História das crenças e das ideias religiosas: de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Volume II).
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- LEMOS, Fernanda. 'O Castor, o Vigário e o Jornal': repercussões midiáticas da visita de Simone de Beauvoir ao Brasil. In: Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho; Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein. (Org.). *Gênero e Religião: diversidades e (in)tolerâncias nas mídias*. 1ed. Recife: ABHR, 2015, v. 1, p. 74-90.
- ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras/Fapesp, 2002. 368 p.
- TREVISAN, Cláudia. *Os Chineses*. São Paulo: Contexto, 2014.